

## A Estética do Século XVIII

*Priscilla C. dos Santos (Bolsista PIBIC/CNPq)*

*Orientador: Luís Fernando Franklin de Mattos*

Pretendo fazer um breve comentário sobre a crítica de arte clássica e a crítica da arte empírica e como esse desenvolvimento teórico contribuiu para a formação da ciência do belo. Tema esse que tem sua origem de discussão no século XVIII.

A crítica de arte clássica, influenciada pelo pensamento racionalista do século XVII, exigia, tanto para a produção artística quanto para a sua teoria, que suas determinações fossem feitas pela razão, isto é, suas regras e leis e mesmo suas representações (artísticas) surgiriam a partir de inferências *a priori*, garantindo sua estabilidade e fundamentação conceitual segura. O princípio de unidade viabilizaria a esta estética a universalidade, protegendo-a de qualquer arbitrariedade e contingência, possível de ser encontrado, por exemplo, na definição de um objeto construído a partir de uma opinião particular.

A idéia de natureza no século XVII estava submetida à leis universais e invioláveis as quais o conhecimento tem como tarefa determinar e enunciar em termos claros e precisos. Para a arte deveria haver leis da mesma espécie. Estas leis estariam subordinadas a um princípio único e simples.(cf. Cassirer, E.; A Filosofia do Iluminismo, p.373)

Beleza vinculava-se diretamente à noção de natureza e verdade no século XVII. O objeto deveria ser indicado segundo suas relações puras e autênticas que ele expressa em si mesmo. Se o objeto se afasta de suas relações e proporções universais ele perde sua essência enquanto ser e verdade objetiva. O belo era o verdadeiro ou pelo menos o verossímil, conseqüentemente o bom gosto, fundados em princípios, assentava-se sobre o guia dos modelos, pronunciando sentenças certas segundo suas regras fixas e rigorosas.

O artista encontrava-se preso às leis de construção universal que determinavam os gêneros artísticos. O único modo deste sujeito individual imprimir sua marca consistia na expressão de sua originalidade e não no conteúdo da obra, já que o objeto, enquanto verdadeiro reporta-se ao que realmente é. A construção do tema a ser tratado assemelhava-se a uma expressão matemática, pois baseava-se em regras; os resultados ou as produções artísticas significavam a variedade de formas obtidas que remeteriam a um único modo de construção, edificando o caráter científico conforme a noção de "unidade na multiplicidade"

Um dos problemas desta estética, além do academicismo e a dependência de modelos resultando na simples cópia dos objetos, residiu na falta de abstração a que ela havia se comprometido. A busca da simplicidade, exatidão, da simples naturalidade da expressão tem sua fonte no próprio mundo em que os homens vivem, no que o ambiente, o hábito e a tradição lhes forneciam. "Ao invés de uma reflexão crítica sobrevêm uma veneração por todos os dados puramente empíricos da cultura intelectual e artística do século XVII."(idem, p.388)

O século XVIII reelabora um novo caminho para as questões propostas pelo período anterior.

Uma das mudanças ocorridas reside na nova concepção de natureza, que passa a ser medida pelo próprio homem, enquanto sujeito individual. No caso da arte, a verdade do objeto artístico se medirá pelo efeito que ele causará no contemplador.

O objeto de arte se possui a intenção de sensibilizar o espírito deve, portanto, despertar no sentimento do observador uma relação entre seu gosto particular e a expressão de sua obra. O gosto deixa de ser coordenado e subordinado segundo as operações lógicas da dedução e passa para o mesmo plano dos atos de percepção.

A estética empírica, enquanto ciência, também necessita de leis que garantam sua regularidade e universalidade, caso contrário sua investigação seria impossível. A partir da experiência, faz-se a observação direta dos fatos simples e dos fenômenos, após essa etapa os princípios serão formulados. Percebe-se que a dedução e a razão não são descartadas, mas cedem o primeiro lugar às percepções e sentimentos que ocuparão o lugar fundamental na investigação.

O gosto, apesar de ser um juízo natural e individual do ser humano limitou-se às convenções de seu tempo. Assim, haveria uma homogeneidade no que diz respeito à ética e a moral a que os contempladores estariam habituados, resultando em um senso comum do gosto. “O sentimento ensina-nos o que há na tragédia antes que tenham pensado em examina-las”.(Hume, Padrão de Gosto)

Percebe-se, portanto, que estas duas estéticas ( a clássica e a empírica ) manipulam o mesmo objeto mas utilizam métodos diferentes. A estética clássica, *a priori*, a estética empírica, *a posteriori*. Esta última possibilitou um melhor discernimento no que diz respeito ao método e ao objeto de estudo da ciência do belo propriamente dita, redefinindo, através da crítica feita a estética clássica, qual o caminho mais compatível entre a arte e sua especulação.